

A ESPIRITUALIDADE E A MÍSTICA DO EDUCADOR (Spirituality and Mystic of Educator)

Prof. Pe. Donizete José Xavier

Bacharel em Filosofia (FAI). Mestre em Teologia (PUC).

Doutorando em Teologia Dogmática (Roma). donixavier@uol.com.br

Resumo

A relevância deste texto caracteriza-se pelo fato de ser *a priori* fruto da articulação entre a Teologia e a Pedagogia e da tentativa de se pensar teologicamente a educação. O texto procura compreender a pedagogia, no sentido moderno do termo, em seu aspecto mais genuíno e no seu aspecto mais elevado como um processo contínuo de viver e agir segundo a condição paradigmática do ato revelador da humanidade. A pedagogia em diálogo com a teologia encontrar-se-á diacrônica e sincronicamente adaptando-se as novas fronteiras e aos desafios que se impõe neste contexto epocal e entre eles o que afeta cada ser humano, o da humanização. Neste processo, os educadores que buscam o *sentido do ser* compreender-se-ão como um *locus theologicus*, dotado de uma capacidade receptiva de transmitir e testemunhar os valores fundamentais do existir humano tão caros neste contexto de niilismo e globalização. A busca de sentido, de uma espiritualidade e de uma mística que se fundamente na *pedagogia de Deus* desenhará um processo pedagógico-teológico que não deixará à margem a utopia do Reino e o sonho de um mundo mais humanizado. A *via amoris* será então o que é de fato, caminho humanizador.

Palavras-chave: *Via Amoris*. Pedagogia do Coração. Pessoa. Relação. Humanização.

Abstract

The relevance of this text is characterized by the result of the relationship between Theology and Pedagogy and the attempt to think the education having the Theology as a base. The text seeks to understand the pedagogy, in the modern sense of the term, within the most genuine and highest aspect as a continuous process of living and acting according to the paradigmatic of humanity and revealing act condition. The Pedagogy, dialoguing with Theology, will find diachronic and synchronic adapting to the conditions of further new frontiers and challenges of this epochal context, specially that one which affects every human being, the humanization. On this process, educators who seek the *sense of being* will be understood as a *locus theologicus*, endowed with a responsive capacity to forward and witness the fundamental values of human existence, which is so expensive on this context of globalization and nihilism. The search for meaning, spirituality and a mystique that is based on the "pedagogy of God" draws a theological-pedagogical process; hat will not leave aside the utopia of the Kingdom and the dream of a world more human. The *via amoris* will be humanizing way, on this process.

Keywords: *Via Amoris*. The Heart Pedagogy. Person. Relationship. Humanization.

Introdução

Este pequeno texto é uma síntese de uma conferência que proferi no Primeiro Congresso Latino Americano de Educadores da Rede de Ensino Sagrado Coração em Curitiba 2010. Sendo assim, estas páginas, mais que um tratado teológico, quer ser também neste momento de publicação, assim como no Congresso, uma conversa teologal entre educadores e profissionais afins. Se naquele momento partilhei minhas indagações com educadores de uma instituição confessional, abro agora este mesmo assunto e da mesma forma aos interessados da área de pedagogia e de teologia. Considero também contemplado nestas linhas minha rápida e significativa experiência de docente de IPT e meu diálogo com os alunos do curso de Pedagogia da PUC de São Paulo, no primeiro semestre do corrente ano.

1. A Educação como um *locus theologicus*

Apontar elementos teológicos da vocação de educadores é primeiramente reconhecer a experiência que estes fazem ao viverem sua profissão como vocação. O mundo da educação é um *locus Theologicus*, lugar da reflexão, mas acima de tudo lugar da experiência e da efetividade de uma prática que não se reduz a mera reprodução de conhecimentos ou a um simples modelo instrutivo, mas que se classifica pela construção de um método pedagógico que exige atitudes e posturas diferenciadas. A pedagogia será sempre, em seu aspecto mais genuíno e mais elevado, um processo contínuo de viver e agir a condição paradigmática do ato revelador da humanidade. Neste sentido está diacrônica¹ e sincronicamente² adaptando-se às condições mais profundas das novas fronteiras e aos desafios que se impõe. Um dos grandes desafios do tempo presente é a solidificação de uma educação humanizadora e planetária, configurada como a grande emergência educativa.

2. O Eclipse dos valores humanos

Mas que emergência é esta, senão aquela que perpassa pela necessidade também dos educadores encontrarem o sentido mais profundo e eloquente do seu ser.

Aqui se localiza a dimensão mística e espiritual do educador, tema nevrálgico na construção do humano. O educador é também *de-per-si* um *locus theológicus*. Ele está dotado de uma capacidade *apriori* receptiva de transmitir valores fundamentais do existir humano; tão caros para nosso contexto de pós-modernidade. *Os valores absolutos como a verdade, a bondade, o amor, a vida, a honestidade, a justiça, o ser, hoje já não brilham nem em nossas consciências, nem na nossa sociedade.*³ A nossa época assiste assustadoramente uma crise de valores existenciais, onde o subjetivismo desenfreado fere nocivamente cada dimensão da vida humana. Os valores existenciais estão eclipsados na tensa noite escura do eu.⁴

*Com o eclipar-se desses valores fundamentais, uma densa noite desceu sobre nossa cultura e sobre nossas instituições. Sem essas estrelas polares, encontramos-nos, agora, a vagar de modo confuso, desorientado, caótico, desesperado em terra deserta e selvagem.*⁵ Deste eclipse da própria consciência humana da noite escura do eu, emerge a nostalgia da pedagogia do coração tão sonhado e elaborado por grandes pedagogos como Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1877)⁶ e outros. Tal nostalgia, no sentido moderno do termo, impulsiona a refletir o mundo educacional que habitamos como primeiro lugar da formação humana, espaço privilegiado e necessário para um autêntico processo de humanização. Espaço favorável para o *vir-a-ser*, uma vez que no desdobramento da nossa história somos aquilo que ainda não somos⁷, devido ao nosso inacabamento e a nossa potencialidade⁸. A teologia tem nos ensinado que pelo fato de sermos criaturas de Deus já estamos dotados de uma dimensão transcendental. O célebre anacoluto joanino nos diz: *Desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou (1Jo 3,2b)*. Este processo de *vir-a-ser* teologicamente nos insere na *pedagogia de Deus* onde, o homem num processo já iniciado no ato da criação, encontra o seu ultimato em Jesus Cristo. A condição paradigmática do homem é Cristo que, ao se fazer homem, revelou-nos a condição humana caminhando sincrônica e diacronicamente num processo de maturação singular e universal. A história que se desdobra pessoal e coletiva, manifestar-se-á definitivamente quando Deus for tudo em todos (1Cor 13,28).

3. A *via amoris* como caminho humanizador

A vocação para a humanização é uma marca da natureza humana que se expressa na busca do que lhe transcende. Estamos permanentemente em busca de nós mesmos, por isso nosso processo pedagógico não pode estar à margem da utopia do sonho de um mundo mais humanizado. E o que nos humaniza verdadeiramente é o amor. Cabe-nos entender: neste processo formativo, cada um de nós passa por um caminho evolutivo que se realiza desde dentro, desde si mesmo, das nossas capacidades entranhadas, das nossas potencialidades concretizadas numa prática viva e real do amor. Então a *via amoris* se nos apresenta como via educativa.

Ao falarmos de espiritualidade e mística do educador é de suma importância buscar as definições destes termos semânticos de nossa reflexão. Mística e Espiritualidade têm significados semelhantes, mas não idênticos. A mística se refere à experiência de Deus. Ela designa uma realidade vital cheia de riqueza, grandeza e profundidade. Ao mesmo tempo, porém, é obscura, secreta e escondida; algo profundamente íntimo e sobrenatural, que participa das maravilhas de Deus, que resulta, incompreensível e inefável. Já a Espiritualidade se refere a todo processo de crescimento, da inautenticidade à relação concreta com Deus e à posse de sua verdade como imagem de Deus⁹. A espiritualidade, assim como a mística, deve ser entendida como experiência vital de Deus.

Se as questões contemporâneas colocam-nos diante da exigência de crer somente no que se apresenta como garantido, experiencial e com uma iminente proposta de uma pedagogia da educação, passando pelo viés da fé, penso que não pode ficar a margem da reflexão, a contribuição que a Teologia Fundamental pode oferecer à pedagogia, uma vez que desde a sua compreensão, a história do homem está marcada pela pedagogia de Deus ou *pedagogia divina* que se dá a conhecer não por vias abstratas, mas inserindo-se pedagogicamente no desdobramento da história humana. Chama-se *pedagogia divina a maneira como Deus tem conduzido Israel à Cristo Salvador, e ao modo como o próprio Jesus Filho de Deus feito homem, viveu a vontade do Pai e comunicou e se fez realidade entre os homens o Evangelho do Reino de Deus.*¹⁰

Esta realidade pedagógica, contida na Teologia Fundamental, não limita e nem desvirtua os meios que a Pedagogia oferece aos demais saberes. Ao contrário, a articulação entre ambas as ciências pode ajudar-nos a compreender a emergente reflexão da *ortopatía*, onde a capacidade de sentir, do *páthos*, que compromete todo o ser, abrindo à humanização, ao encontro, a *compaixão* e a convivialidade torna-se a *conditio sine qua non* da pedagogia que se desdobra desde a experiência do amor.¹¹

Recorrendo a história da pedagogia, verificaremos que a mesma testemunha que a educação sempre esteve ligada ao tema do amor como fonte inspirativa e motivacional. Assim nos lembra o filósofo Rousseau: o amor é o sentimento natural do ato educador. Pestalozzi, percorrendo este mesmo caminho, aponta para uma dimensão capital: a do coração como ponto nevrálgico da ação educativa.

4. A Pedagogia e sua relação com a mistagogia

Nestes termos, uma espiritualidade do educador não pode estar a margem desta fontalidade. Deve buscar seu paradigma naquele que pedagogicamente escolheu, em sua Sabedoria e Vontade, tecer conosco o processo formativo que constrói o humano. Jesus de Nazaré, Deus que se faz homem entre os homens se nos apresenta como educador. É a pedagogia da encarnação nossa fonte paradigmática, pois, ao se fazer homem Deus, se pôs a caminho para que o homem se torne verdadeiramente homem. Deus se faz homem para que sejamos mais humanos. Neste sentido, seguir os passos pedagógicos de Jesus, o Cristo, é reencontrar o caminho que nos configura em homens e mulheres mistagógicos. A nossa pedagogia seria enriquecida se encontrasse sua dimensão mistagógica e efetivamente se traduzisse em *intellectus amoris*, abrindo-nos ao diálogo humilde e sábio como essência da educação.

Para o educador é um imperativo prestar contas de sua experiência mistagógica. Hoje as necessidades dos seres humanos se exprimem em mensagens completamente complexas e aparentemente contraditórias¹².

Neste sentido, pensar uma pedagogia na pós-modernidade significa examinar em profundidade um conjunto de dimensões de ordem afetiva, cognitiva, social, política, econômica, teológica e ética que, formando um sistema, constitui o fundamento do ato educativo, como afirma Jorge Trevisol em sua significativa obra: Educação Transpessoal, um jeito de educar a partir da interioridade¹³. Educa-se aos valores, vivendo-os, praticando-os e fazendo, antes de tudo, uma razão de vida. Educar efetivamente não é algo fácil e automático, por isso, mais do que demonstrar os valores da vida, é preciso mostrá-lo no testemunho da própria vida. Como afirma Santo Inácio de Antioquia: *se educa sim, através do que se diz, mas se educa muito mais através do que se faz e do que se é*.

5. Uma mística resgatadora

Mas por que a necessidade de humanizar o humano? Por que esta é a tarefa magna do ato educativo? Se esta é uma questão central, então por onde começar? Penso que um primeiro passo seria o resgate do sentido do conceito de pessoa. Sabemos que o debate em torno do conceito pessoa atravessa a história da filosofia e da teologia, mas é no século XX que se encontra um espaço fecundo para tal desdobramento.

Estudiosos da antropologia filosófica e da psicologia social afirmam com toda propriedade que no princípio de tudo está a relação. Esta fundamentação, tanto do ponto de vista antropológico bem como psicológico, configura-se à definição da antropologia teológica que afirma que o ser humano é em si mesmo relação. São os estudos da teologia trinitária que também nos autorizam afirmar que o homem está constituído ontologicamente como um ser pericorético,¹⁴ ou seja, este é ontologicamente um ser de relações que só se realiza verdadeiramente a medida que é capaz de sair de si mesmo para buscar o outro, para perder-se no outro, permitindo que o outro seja verdadeiramente outro, para então ser ele mesmo. Este princípio relacional garante a identidade, pois somos à medida que nos relacionamos. Esta dinamicidade do seu ser o constitui ícone da Trindade.

No campo da filosofia da subjetividade, gostaria de destacar alguns pensadores expoentes tal como Martin Buber. Ele ressalta o descobrimento da dimensão pessoal e nos apresenta uma questão teológica da dimensão personalizadora da fé como encontro com Deus. Buber procura entender o homem como encontro, atribuindo a ele a sua dimensão transcendental. Um segundo expoente, que merece destaque, é Emmanuel Lévinas o mesmo que, ao resgatar o valor filosófico da relação homem com Deus, o faz em chaves de *auditus temporis et alterius*, recorrendo a via da alteridade como horizonte de transcendência. Esta construção antropológica do homem está enraizada na experiência bíblica de homem, uma vez que a noção de pessoa está intimamente vinculada às noções de rosto, relação, interpelação, diálogo e encontro. Desde esta via antropológica, a pessoa é concebida como relação. A dimensão relacional é fulcral nestes pensadores, pois um indivíduo é o que é: o seu sistema de relações humanas. *A verdade do homem não está em seu ser sujeito, em si considerado, senão em seu ser em correlação estrutural com os outros sujeitos.*¹⁵ E como afirma Heidegger, a identidade não está no sujeito, mas na relação.

6. A Mística como paixão

A definição antropológica do ser humano como relação tornou-se também tema central no discurso do Papa Bento XVI, ao falar sobre a educação a Igreja e a comunidade dos homens. Assim diz o Papa: *Para a pessoa humana é essencial o fato de que só logra ser ela própria a partir do outro, o eu 'se converte em si próprio apenas mediante o tu e o vós'; é criado para o diálogo, para a comunhão sincrônica e diacrônica.* Tal exortação implica necessariamente o tema da paixão, do enamoramento, do encanto e do fascínio da vocação de ensinar. Sem paixão, tornamo-nos terrenos áridos que não fecundam as sementes. A mística do educador passa pela paixão pela educação e esta deve ser uma *paixão do eu pelo tu, pelo nós, por Deus e que não se resume a uma didática, a um conjunto de técnicas nem tampouco na transmissão de princípios áridos.* Neste sentido, perfila-se a necessidade de uma transição a ser realizada no campo da educação, a da emergência educativa à pedagogia do coração.¹⁶

Esta transição caracteriza-se pela necessária e conflitante nostalgia de um tipo de educação que coloque o homem no centro, não somente como aquele capaz de apreender e qualificar suas habilidades cognitivas e intelectuais, mas que seja plenamente humano capaz de ser afetado e afetar, um ser que pensa e ama e que seja capaz de usar o coração como fonte inspirativa do mistério total de sua existência.

Conclusão

A complexidade da sociedade pós-moderna exige do educador uma mística, pois sua tarefa transcende os limites do conhecimento racional e das aptidões técnicas ou manuais. Se educar significa transmitir valores, cabe-nos reafirmar com Hannah Arendt que educar é conservar e, no ato de conservar, é o educativo a parte essencial da atividade educativa.¹⁷ Se educar é conservar, no ato educativo *o educando não é apenas preparado para fazer, mas para ser. Uma vez inserido no mundo profissional, não é apenas o seu sucesso que importa, mas a sua realização como pessoa.*¹⁸

A relação entre Teologia e Pedagogia, demonstrada neste artigo, aponta para a uma mística e para uma espiritualidade do ato educador que se fundamenta na história da pedagogia e finca raízes na dinâmica da teologia. O objeto da teologia será sempre o mistério de Deus, mas não há discurso sobre Deus que não seja concomitantemente a um discurso sobre o homem em busca de Deus.¹⁹ A dinâmica própria da história da pedagogia nos dá testemunha que a educação sempre esteve ligada ao tema do amor como fonte inspirativa e motivacional. Então todo apelo a uma transição necessária de uma emergência educativa à pedagogia do coração faz emergir cada vez mais a nostalgia da pedagogia do coração que nos pedirá uma mística, onde a inteligência do coração, o *intellectus amoris* poderá ser contemplado *como a competência capaz de resolver uma singular função que projetará uma nova forma de ser-consigo-mesmo e de ser com-os-outros e de ser-por-si-mesmo e de ser-pelos-outros*²⁰ e de ser com e pelo totalmente Outro.

Bibliografia

ARENDDT. Hannah. *Tra passato e futuro*. Milano: Garzanti Elefanti, 1992.

CORTELLA. Mário Sérgio. *A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 2010.

DICCIONARIO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN. Facultad de Ciencias de la Educación – Universida Ponticia Salesiana. Madrid: Editorial CCS, 2009.

Dicionário de Mística. Verbete de E. Larkin. VÁRIOS. Dicionário de Mística. São Paulo: Loyola e Paulus, 2003.

João Paulo II. Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1979, 58.

GEFRÉ. Claude. *O risco da interpretação*. Uma homenagem a Claude Geffré. Recife: Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicamp, 2009, p. 33.

FORTE. Bruno. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

L' Osservatore Romano de 24.01.2008, p. 8. Palavras do Papa Bento XVI aos Bispos da Itália.

MARTINI. *Educare nella postmodernità*. A cura di Franco Monaco. Brescia: La Scuola, 2010.

MONDIN, Batista. *Os valores fundamentais*. Bauru: Edusc, 2005.

MASCIARILLI. Giulio. *Il “grito” di Benedetto XVI – dall'emergenza educativa ala pedagogia del cuoro*. Pian di Porto: Tau Editrici, 2009.

OLIVEIRA, Paulo E. *Mestres que seguem o Mestre – uma espiritualidade do educador*. São Paulo: Paulinas, 2006.

ROCHETTA, Carlo. *A Teologia da Ternura*. São Paulo: Paulus, 2002.

TREVISOL, Jorge. *Educação Transpessoal*. Um jeito de educar a partir da interioridade. São Paulo: Paulinas, 2008.

Notas

¹ Analisando os elementos da pedagogia em chave diacrônica, verifica-se que o processo educativo desde sua origem busca sua fidelidade ao exercício que lhe é reservado; o de interpretar o sujeito da formação como ser capaz de apreender a apreender. Este exercício diacrônico revela que a educação é um processo contínuo que se realiza no desdobramento da própria existência.

² Se for o exercício da pedagogia a unidade e a integração da vida, a necessidade de uma profunda integração se impõe, não só em chave diacrônica de apreender a apreender, mas também em chave sincrônica que considera necessariamente os muitos aspectos e dimensões do processo formativo, hoje tão emergentes. Há que se considerar sincronicamente, a pessoa como objeto da formação, os sujeitos e beneficiários do processo formativo e o clima e o ambiente como condição interna e externa necessária na construção do humano.

³ MONDIN, Batista. *Os valores fundamentais*. Bauru: Edusc, 2005, p. 9.

⁴ Expressão utilizada pelo teólogo Bruno Forte em sua obra: *A Essência do Cristianismo*. O autor retoma significativamente a pergunta que vários pensadores construíram sobre a essência do cristianismo desde a perspectiva da modernidade. Forte, relevantemente, lança a mesma questão no âmbito da pós-modernidade. Segundo ele, os sonhos de emancipação que alimentaram a modernidade desembocaram no niilismo generalizado da atualidade conduzindo o ser humano a noite escura do eu. FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁵ *Ibidem*, p. 9.

⁶ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1877). Nascido em Zurique-Suíça. Considerado um grande pedagogo humanista, cuja filosofia contribuiu para a educação moderna que se prolonga até os dias atuais. Pestalozzi faz do amor o centro da sua teoria educativa, acentuando-o na educação escolar como complemento da família e como meio de preparação para a educação na vida.

⁷ O homem não nasce humano, e sim, torna-se, na vida social e histórica no interior da Cultura. Somos um produto cultural. CORTELLA, Mario Sérgio. *A escola e o conhecimento – fundamentos epistemológicos e políticos*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 37.

⁸ Aristóteles falava de uma distinção conexa entre ato e potência. Somos um ser potencializado.

⁹ Definição do Dicionário de Mística. Verbetes de E. Larkin. VÁRIOS. Dicionário de Mística. São Paulo: Loyola e Paulus, 2003, p. 381.

¹⁰ João Paulo II. Exortação Apostólica. *Catechesi Tradendae*. São Paulo: Paulinas, 1979, n. 58.

¹¹ Somente focalizando um conceito adequado da ternura, como realidade natural e individuando suas coordenadas mais significativas, será possível verificar, sucessivamente, a correspondência com os conteúdos e a reflexão da fé, lançando luz sobre seu valor teológico. Com efeito, a ternura deve compreender-se principalmente como uma predisposição de ordem antropológica inscrita em nós desde o nascimento: essa pertença à nossa identidade mais profunda e se qualifica como “sentimento”, capacidade de sentir, *páthos*, que compromete todo o ser, abrindo à humanização, ao encontro, a *com-paixão* e a convivialidade. ROCHETTA, Carlo. *A Teologia da Ternura*. São Paulo: Paulus, 2002, p. 29.

¹² MARTINI. *Educare nella postmodernità*. A cura di Franco Monaco. Brescia: La Scuola, 2010, p. 78.

¹³ Este assunto pode ser aprofundado na obra de Jorge Trevisol. *Educação Transpessoal*. Um jeito de educar a partir da interioridade. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 207.

¹⁴ Tal definição encontra sua raiz no termo *PERICORESIS*, termo utilizado por João Damasceno para definir a relação das Pessoas divinas. *Pericóresis* significa a mútua inclusão de uma pessoa na outra, em distinção sem confusão e em comunhão.

¹⁵ DICCIONARIO DE CIENCIAS DE LA EDUCACIÓN. Facultad de Ciencias de la Educación – Universida Ponticia Salesiana. Madrid: Editorial CCS, 2009, p. 66.

¹⁶ Tema desenvolvido por Michele Giulio Masciarilli em sua obra: Il “*grido*” di Benedetto XVI – dall’emergena educativa ala pedagogia del cuore. Pian di Porto: Tau Editrici, 2009.

¹⁷ ARENDT. Hannah. *Tra passato e futuro*. Milano: Garzanti Elefanti, 1992, p. 250.

¹⁸ OLIVEIRA, Paulo E. *Mestres que seguem o Mestre* – uma espiritualidade do educador. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 11.

¹⁹ GEFRÉ. Claude. *O risco da interpretação*. Uma homenagem a Claude Geffré. Recife: Revista de Teologia e Ciências da Religião da Unicamp, 2009, p. 33.

²⁰ ROSSI, B. *Avere cura del cuore*. L’educazione del sentire, Roma: Carocci, 2006. Op. cit in MASCIARELLI. Michele Giulio. Il “*grido*” di Benedetto XVI – dall’emergenza educativa ala pedagogia del cuore. Pian di Porto: Tau Editrici, 2009, p. 49.